

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA

Liv Ludwig Gonçalves

**ÁGUA VIVA: OS SABERES QUE SE FAZEM NA FLUIDEZ DO  
COTIDIANO**

PORTO ALEGRE  
2013

Liv Ludwig Gonçalves

Água Viva:

Os saberes que se fazem na fluidez do cotidiano.

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre

2º Semestre

2013

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo às pessoas mais importantes para a construção deste trabalho: Xandi e Thalisson. Gratidão pela confiança, pela amizade, pelos ensinamentos, pelo carinho e pela parceria nas caminhadas e bicicletadas. Sou grata também às suas famílias, por toda confiança. Agradeço à Escola Genoveva, por abrir-se à pesquisa, e à Ivanilda, vizinha e amiga, por toda ajuda, desde abrir o portão até descobrir por onde andavam os meninos. Sou grata também a todas as crianças que atravessaram nossos percursos, pirilimpimpando a vida, e aos velhos sábios, que divinam.

Agradeço ao Luciano Bedin, professor e orientador, que provocou silêncios, explosões e devaneios, que confiou e pacienciou. Agradeço à Magali Menezes e ao Luciano Vianna, por aceitarem compartilhar destes encontros, enquanto banca examinadora. Especificamente à Magali, que enquanto professora também soube provocar muitos silêncios; e especificamente ao Lu, amigo querido leleco. É muito bom poder compartilhar estas vivências com amigos.

Agradeço à Sofia, comadre amada, que me guiou a muitos caminhos bonitos, incluindo os da educação. Que me apresentou à Gema (com mais explosões e devaneios do que silêncios) a quem também sou muito grata. Nessa caminhada da educação, agradeço também à Russel, pela leveza que facilitou meu retorno à universidade, e ao Sérgio Leite, querido, que me levou à Genoveva.

Agradeço aos meus pais, Vanice e Carlos, por todo amor e cuidado. Ao Mathias, meu companheiro, meu amor. Aos amigos queridos. A todos os encontros. Ao vô João-de-barro, pescador, contador e cantador, artista e sonhador, espelho.

Gratidão.

*Não sei sobre o que estou escrevendo: sou obscura para mim mesma. Só tive inicialmente uma visão lunar e lúcida, e então prendi para mim o instante antes que ele morresse e que perpetuamente morre. Não é um recado de ideias que te transmito e sim uma instintiva volúpia daquilo que está escondido na natureza e que adivinho. E esta é uma festa de palavras. Escrevo em signos que são mais um gesto que voz. Tudo isso é o que me habituei a pintar mexendo na natureza íntima das coisas. Mas agora chegou a hora de parar a pintura para me refazer, refaço-me nestas linhas. Tenho uma voz. Assim como me lanço no traço de meu desenho, este é um exercício de vida sem planejamento. O mundo não tem ordem visível e eu só tenho a ordem da respiração. Deixo-me acontecer.*

*(LISPECTOR, 1980, p. 24)*

## RESUMO

Uma cartografia com crianças, sobre seus saberes cotidianos. Um método eminentemente caminhante, que faz do caminhar/bicicletar a potência para a produção de encontros. Duas crianças, uma pesquisadora, cinco encontros. Mas cada encontro, múltiplo que foi, despertou para uma miríade de outros encontros. Dos acasos e do simpático casal de idosos que entra em cena. Do senhor do armazém que cruza com sua bicicleta, do homem que vive a pedir um *cigarrinho*... O método que inverte curiosidades: do pesquisador curioso (postura esperada) à criança que quer saber da vida do pesquisador: como é a faculdade? Há merenda lá? Da pesquisa que, como a água, por vezes transborda. Cartografia que fala não só da relação das crianças com a água. Fala também das coisas que vão se interceptando porque se está no caminho: gravetos, juncal, João-de-Barro, uma cabrita, um limoeiro-do-mato, uma figueira, um cavalo, uma égua, um gato, uma guarita abandonada, um barquinho ao longe, uma chuteira, um sapato de salto, uma garrafa de cachaça, uma bola murcha, uma cabeça de boneca, um apagador de quadro e uma conchinha “com o beijo vermelho”... Do reservatório de coisas desativadas que habitam os territórios em busca de uma palavra. Dos devires e das coisas que parecem ser outras coisas: um ratinho, um pêssego, uma titica de galinha, um papel manteiga... Do baú das histórias de cada um, histórias que, como linhas de mapas, se cruzam, histórias minoritárias, histórias de como pegar aracuãs... Dos lugares onde se ainda aproveita a água para tomar banho. Dos tempos não cronológicos, tempos aiônicos da infância. Das matas, restingas, trilhas de junco seco. Do clima, dos ventos, do calor, do sol e das sombras. Do pesquisador que vira cartógrafo e se mistura aos pequenos cartógrafos que o acompanham com suas máquinas fotográficas, garrafas d'água e canequinhas. Do casco de tartaruga que leva à tentativa de entender o que é uma Reserva. Da escola e das outras formas de aprender. Afinal, *agora é hora de caminhar*...

Palavras-chave: cartografia; fluidez; encontros; saberes; vida.

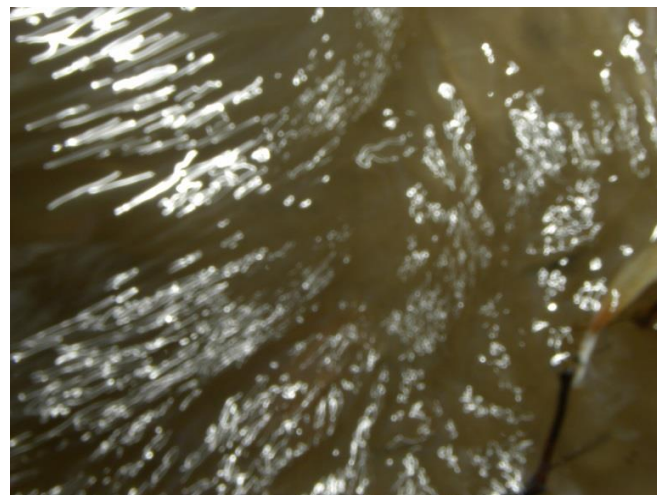
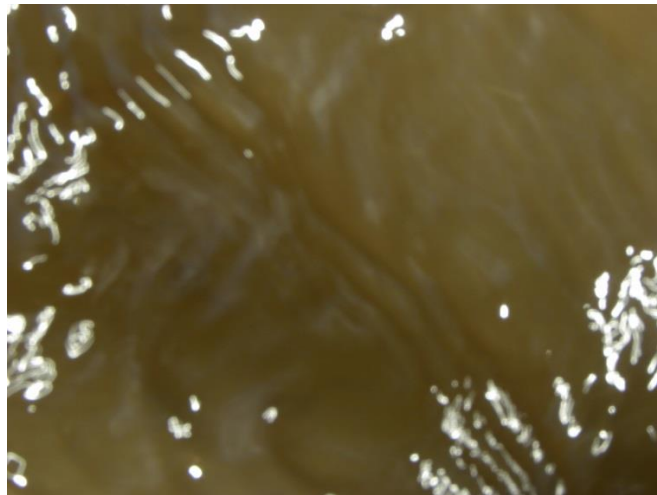
## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
1.1 DESCOMEÇO .....	7
1.2 VERBO .....	8
1.3 DELÍRIOS DO VERBO .....	8
<b>2. MÉTODO</b> .....	<b>11</b>
2.1 MÉTODO? .....	11
2.2 O LAMI COMO TERRITÓRIO .....	12
<b>2.2.1 Território Físico</b> .....	<b>12</b>
<b>2.2.2 Território Existencial</b> .....	<b>13</b>
<b>2.2.3 Meu Território</b> .....	<b>13</b>
2.3 SURGIMENTO DO GRUPO .....	14
<b>3. O CAMINHAR</b> .....	<b>15</b>
3.1 PRIMEIRO ENCONTRO .....	15
<b>3.1.1 De onde vem a água?</b> .....	<b>23</b>
3.2 SEGUNDO ENCONTRO .....	30
3.3 TERCEIRO ENCONTRO .....	47
<b>3.3.1 Ciclos</b> .....	<b>50</b>
3.4 QUARTO ENCONTRO .....	52
3.5 QUINTO ENCONTRO .....	59
<b>3.5.1 A Escola</b> .....	<b>62</b>
<b>4. REFLEXÕES</b> .....	<b>64</b>
4.1 SILÊNCIOS .....	64
4.2 TRANSBORDAMENTOS .....	65
<b>4.3 REENCONTRO</b> .....	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>69</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>71</b>

## 1.INTRODUÇÃO

### 1.1 DESCOMEÇO

- Então, pessoal, e a água? É um ser vivo ou não vivo?
- Vivo!
- Por quê?
- Porque a água respira!
- Porque a água se reproduz, cada vez que chove e enche os rios!
- Porque a água é Iemanjá, mãe dos pescador!



Figuras 1 e 2. Fotografias dos movimentos e vibrações da água, por Liv Gonçalves. Praia do Lami, Porto Alegre, novembro de 2013.

Neste diálogo de menos de um minuto fui inundada por um turbilhão de sentimentos, que me levaram da contemplação da sensibilidade daquelas crianças ao questionamento da própria profissão que havia escolhido exercer. Afinal, o que mais eu poderia dizer diante de tantos saberes? Explicar a água a partir da perspectiva da Ciência seria como nomear de enseada a cobra de vidro mole de Manoel de Barros<sup>1</sup>.

E foi esta vivência, enquanto estagiária de Ciências, encontrando outros saberes construídos na experiência cotidiana empírica sensível, que me motivou a observar mais de perto estas relações entre conhecimento, cotidiano, encontros, construções de saberes...

## 1.2 VERBO

**saber** 1. Ter conhecimento, ciência, informação ou notícia de. 2. Ter certeza de. 3. Ser instruído em. 4. Reter na memória. 5. Ter sabedoria.

Observando as definições do minidicionário Aurélio da língua portuguesa (FERREIRA, 1993), poderíamos inferir que o próprio dicionário é um objeto de saber. Mas correndo os olhos um pouco mais abaixo, cheguei na definição de sabiá, onde diz apenas “certa ave cantora”. Fiquei em dúvida sobre o saber do Aurélio.

Então fui atrás de outras opiniões.

## 1.3 DELÍRIOS DO VERBO

Empiricamente, saber, conhecer e aprender muitas vezes se confundem, aparecendo sempre relacionados. Mesmo entre estudiosos da educação, surgem algumas contraposições sobre suas definições, mas estas acabam frequentemente se encontrando justamente na interação.

Piaget (*apud* FERREIRO, 2001) trata do conhecimento a partir de uma perspectiva biológica. Para ele, as relações entre o organismo, o meio e as estruturas cognitivas determinam o desenvolvimento biológico do conhecimento. Tais estruturas cognitivas ou estruturas de conhecimento teriam um papel fundamental, explicando a própria aprendizagem. Neste sentido, conhecer e aprender se relacionam na significação do conhecido, mas a aprendizagem surge da experimentação, da vivência externa ao sujeito.

Atualmente a neurociência vem estudando o papel destas estruturas de conhecimento, agregando às idéias de Piaget a noção de plasticidade cerebral. A partir da experiência, da

1. Referência ao poema XIX, em O Livros das Ignorâncias.



interação sujeito-objeto, o sistema nervoso humano poderia alterar suas estruturas, resultando em construção de conhecimento (CORSO, 2009).

Maturana (1998) também traz uma perspectiva biológica, mas com o olhar um pouco mais mole<sup>2</sup> que o de Piaget. De acordo com ele, o ser humano é capaz de se transformar a partir do encontro com o outro, onde neste encontro e no convívio com o outro, ele constituiria seu processo de aprendizagem. Em outras palavras, nós nos educamos e nos tornamos humanos quando nos relacionamos uns com os outros e com o mundo.

Ainda segundo Maturana (2009), a relação com o outro, com seu espaço relacional, constrói a história humana e os modos de viver, que se perpetuam no tempo e no espaço a partir da emoção. Nossas emoções determinam nossas ações, nossa maneira de conviver, que é espontaneamente aprendida pelas crianças que convivemos simplesmente pela convivência, perpetuando tal configuração. Novamente aparece a importância da interação e da relação no processo de conhecer, agora associadas a um fator afetivo.

Gilles Deleuze (*apud* CARDOSO JR., 2007), de forma semelhante, fala sobre encontros. Do encontro com o outro, surge uma relação, e da relação se aprende o outro. O aprender, para Deleuze, se dá com a sensibilidade do corpo, como quem aprende a nadar entrando na água e sentindo seu fluxo (e não dominando os estilos e técnicas de natação). Esse aprender seria o caminho onde muitas coisas acontecem, em percurso ziguezagueante, deixando marcas no corpo. Aprender é o processo que leva ao saber. Caberia, então, ao professor, criar as condições para que o corpo e o objeto se conectem, se encontrem, através de uma sensação, de um conceito ou de uma idéia.

A partir deste ponto de vista, qualquer objeto, qualquer ser, qualquer meio relacional teria potencial para ensinar. Aprender da árvore, do sapo, da água, das crianças, das aves... Um aprender enquanto devir, algo sempre em via de-vir a ser algo no encontro que se estabelece com as singularidades presentes no mundo. Como a educação pela pedra, de João Cabral de Melo Neto (1997):

(...) para aprender da pedra, freqüentá-la;  
captar sua voz inenfática, impessoal  
(pela de dicção ela começa as aulas).  
A lição de moral, sua resistência fria

2. Entendo o amolecer a partir de CORTÁZAR (2000), uma estratégia para tornar a realidade menos sedimentada, uma maneira de tornar mais fluido o sentido.

ao que flui e a fluir, a ser maleada;  
a de poética, sua carnadura concreta;  
a de economia, seu adensar-se compacta:  
lições da pedra (de fora para dentro,  
cartilha muda), para quem soletrá-la. (...)

O mesmo objeto a ser aprendido poderá nos ensinar a aprendê-lo, mesmo que inconscientes de estarmos aprendendo, se nossa sensibilidade para este encontro permitir. E sobre esta inconsciência, interpreto como as marcas que trazemos no corpo e na alma e que constroem nossas subjetividades. Tal subjetividade é construída e desmanchada a partir de um contínuo (ou descontínuo) aprender. Somos como um fluir de devires, a cada atravessamento cotidiano, de acordo com Deleuze (1995). De cada encontro entre dois seres, idéias, potenciais, haveria a possibilidade de surgir uma terceira coisa entre ambos, a partir da própria relação que se estabelece, criando linhas que nos conectam a tudo o que encontramos. Algo quase imperceptível, sutilmente presente nesta frase de Manoel de Barros (2010, p. 341): “Quem acumula muita informação, perde o condão de adivinhar.” Sábio é quem adivinha. Adivinha porque se conecta com algo maior, como um curandeiro, uma benzedeira e sua reza.

Tal conexão, a partir da observação, da sensibilidade, do encontro, possivelmente produziu o diálogo que deu início a este texto, que por sua vez criou algo novo, entre eu, professora, e os alunos. Desta relação brotou a vontade de novos encontros, que construíram também este trabalho de conclusão de curso.

Numa espécie de cartografia, busco trazer meu olhar sobre os saberes construídos no dia-a-dia de um grupo de crianças moradoras do Bairro Lami (Porto Alegre, RS), saberes criancieiros acerca do território onde vivem e das relações que estabelecem com os meios naturais dentre os quais fazem parte. Tendo em vista a potência dos encontros que se deram, priorizarei o tom narrativo, apresentando, sempre que necessário, registros visuais produzidos pelos pequenos e potentes cartógrafos<sup>3</sup>. A cartografia é também composta por falas das crianças e sonoridades que se mostraram presentes enquanto os caminhos eram traçados. Há, também, a indicação de vídeo e áudios a serem assistidos/escutados, os quais se encontram como apêndice da pesquisa. Traço esta cartografia permeada também por fragmentos do livro *Água Viva*, de Clarice Lispector (1980), que se encontram com as imagens produzidas ao longo da caminhada. Esta profusão de referências, não se limitando apenas ao texto, deu-se pela necessidade e não por recurso meramente ilustrativo. Seria mesmo muito injusto para com a experiência limitá-la a uma soma de caracteres escritos. Neste sentido, mesmo

3. Com exceção das imagens utilizadas na introdução deste trabalho, todas as demais foram produzidas pelos meninos, bem como o vídeo em anexo.

sabendo-se excessivo, este trabalho aposta na multiplicidade dos encontros oferecidos ao leitor, esperando que possa produzir novas sendas ao aqui narrado.

## 2. MÉTODO

### 2.1 MÉTODO?

Descobri que a palavra método tem sua origem em duas palavras gregas: *meta* (para além de) e *odos* (caminho, percurso). Para além do caminho... chegada? O método seria então uma ferramenta para se chegar ao objetivo. Objetivo que determina o caminho a seguir. Parece que, para o método, o mais importante é a chegada, e não o caminho. Mas para mim não é. Eu gosto dos caminhos. Por isso saí na busca de um anti-método. E no caminho encontrei o Luciano, meu orientador, que me apresentou Deleuze, Guattari e a cartografia como possibilidade.

A cartografia da Geografia encontra aqui a Filosofia e a subjetividade, dando mobilidade à rigidez dos mapas e transformando territórios físicos em territórios existenciais (COSTA, 2010). É importante frisarmos que tais territórios existenciais se configuram através de relações, por isso são coletivos. Mas são também políticos, pois envolvem interações entre forças; éticos, pois envolvem critérios e referências para a própria existência; e estéticos, pois a expressão destas relações dá a forma destes territórios (FÜLBER, 2012). Todavia trata-se sempre de formas provisórias, pois sendo uma representação de espaços e processos de circulação de subjetividades, são territórios que se configuram, desconfiguram e reconfiguram a partir das possibilidades de relações (COSTA, 2010).

A cartografia é um modo de olhar e pensar estes territórios, de acompanhar estes processos que os configuram e desconfiguram. E acompanhar estes processos é caminhar com eles, constituir o próprio caminho e se constituir com ele. De acordo com Passos & Barros (2010), é uma forma de pesquisa e intervenção, onde se inventa novos caminhos enquanto se pesquisa, valorizando o processo e não somente o fim.

A cartografia reverte o sentido do método, valorizando o caminho e os encontros deste caminho, acontecimentos que atravessam o próprio pesquisador e assim reconfiguram o próprio caminhar.

A ideia de cartografar com crianças surgiu do contato com artigos e pesquisas de Costa & Bandeira (2013; 2012), na medida em que estes desenvolvem o que chamam de “cartografias infantis”, um processo que valora a potência do olhar infantil na constituição da cidade e na forma como estas se afirmam adultocentricamente. Em linhas gerais, foi a

partir desta perspectiva que busquei desenvolver esta pesquisa: cartografar com crianças moradoras do Bairro Lami, atrás de pistas sobre os saberes que se entrecem em seus territórios existenciais. Para isso, inicialmente, busquei formar um grupo composto por cinco estudantes de quinto e sexto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Genoveva da Costa Bernardes, o qual acabou se transformando ao longo da caminhada. Meus passos, nesta pesquisa, acompanham os passos destas crianças, através de cinco encontros ocorridos entre outubro e novembro de 2013 e detalhados mais adiante. Com os encontros busquei diferentes possibilidades de narrativas destes territórios, através de olhares fotográficos, desenhos e conversas, que aparecerão gradualmente ao longo do texto.

“Caminante, son tus huellas el camino y nada más; caminante, no hay camino, se hace camino al andar...” (MACHADO, 1917, p.229)

## 2.2 O LAMI COMO TERRITÓRIO

### 2.2.1 Território físico

O Lami situa-se no extremo sul da cidade de Porto Alegre, encontrando em seus limites os bairros Lageado e Belém Novo, o município de Viamão e o Guaíba (o lago-rio<sup>4</sup>). Por estar distante mais de 30 km do centro da cidade, o bairro não sofreu tão intensamente a expansão urbana dos últimos anos, conservando ainda características rurais. Faixas de terras sem moradias e ocupadas por gado e cultivos agrícolas em pequena escala dividem espaço com moradias inseridas em maior ou menor adensamento populacional, de acordo com a região do bairro.

Nos mapas abaixo é possível visualizar o bairro dentro do contexto do município (mapa 1, em vermelho), e em suas delimitações espaciais (mapa 2).

Mapa 1.<sup>5</sup>



Mapa 2.<sup>6</sup>



4. Atualmente visto pela Ciência como lago, tal corpo d'água incorporou-se no imaginário da população com “o Rio Guaíba”.

5. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lami\\_Porto\\_Alegre.JPG](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lami_Porto_Alegre.JPG)

6. Fonte: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/regpla+macroz+bairros\\_vig.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/regpla+macroz+bairros_vig.pdf)

### 2.2.2 Território existencial

A principal via de acesso ao bairro se dá pela RS 118, mais conhecida como Estrada do Varejão. A partir do Varejão é possível ir tanto para a beira da praia quanto em direção aos arredores do Morro da Extrema. Nos mapas da Prefeitura de Porto Alegre, a região em torno do Morro da Extrema consta como *Zona Indefinida*, apesar da maioria dos moradores da região a reconhecerem como parte do Lami. Esta região se caracteriza tanto por pequenas propriedades destinadas à agricultura e criação de animais quanto a loteamentos com maior densidade populacional. Entre estes loteamentos estão o Jardim Floresta, também conhecido como Fábrica (em função de sua localização em frente a uma antiga fábrica de rações), e a Sapolândia, área de banhado aterrada pela prefeitura para reassentamento de famílias de outras regiões da cidade.

Em direção à praia também é possível perceber esta mescla de territórios. Ao passar por uma extensa área de campo, chega-se a um núcleo habitacional densamente povoado, em torno da parada 21, que vem sendo progressivamente habitado nos últimos anos, com aberturas de novas ruas e construções de casas. Mais adiante surge a Reserva Biológica do Lami José Lutzemberger, uma Unidade de Conservação de Proteção Integral com aproximadamente de 200 hectares, cuja cerca delimita o acesso tanto para seu interior quanto para as localidades da Boa Vista e Beco do Cego, áreas do bairro do outro lado da Reserva, que fazem fronteira com o Bairro Belém Novo.

A praia, propriamente dita, refere-se a algumas quadras bem próximas à orla, com densa ocupação de casas, onde se encontra o Posto de Saúde, a Escola Genoveva e o arroio Manecão, o qual costeia os muros da escola e desemboca no Guaíba. Nesta região, é possível encontrar muitas casas fechadas, que só serão ocupadas nos meses mais quentes: são as casas de veraneio. Nesse período do ano, o bucolismo do inverno dá lugar a uma invasão de veranistas, configurando certa sazonalidade ao espaço.

As diferentes formas de ocupação do bairro são tecidas com os mesmos fios da história do próprio bairro e de seus moradores, configurando uma complexa rede de relações, onde antigos moradores, pescadores, agricultores, crianças, velhos, recém chegados, visitantes, veranistas e tantos outros atravessam-se em seus cotidianos.

### 2.2.3 Meu Território

No início da minha graduação participei de um curso sobre conservação da natureza proposto pelo Programa Macacos Urbanos. Durante uma semana de curso, ficamos

acampados no Morro São Pedro, próximo ao Lami, no meio de uma mata inimaginável para quem até então só conhecia a região central de Porto Alegre.

Em um dos dias de curso, com a intenção de encontrar um bando de bugios ruivos – as estrelas do curso – fomos até a beira da praia do Lami. A impressão que tive daquele cenário foi ainda mais forte que a vivência na mata urbana.

Era final de verão, um dia de sol muito quente, que transformava areia e água em espelho, contrastando com um verde que emoldurava parte daquela imagem. O caminho de areia parecia interminável, tanto para chegar até a água quanto para encontrar a trilha que nos levaria ao bando de macacos. Reflexo de um longo período de seca, que tempos depois, num encontro no mesmo local, fui descobrir ser frequente neste período do ano: “Antes, quando ficou bem, bem, bem calor, dava pra ir até onde tá aquele barco lá, caminhando, que era tudo só areia.” Jefferson, o Xandi<sup>7</sup>.

Este foi o início de uma relação muito profunda com o Lami, que ao longo do tempo vem se transformando através de vivências, estágios, extensão, e mais recentemente como lugar que escolhi como lar.

### 2.3 SURGIMENTO DO GRUPO

A escolha dos alunos que convidaria para participar da pesquisa não seguiu nenhum método ou critério mais rígido. Dois meninos, Thalisson e Vitor, foram os primeiros nomes que senti que deveriam fazer parte da proposta, não só pela relação que construí com ambos (que já haviam sido meus alunos anteriormente), mas por um sentimento de certa forma intuitivo, que simplesmente sabia. Tal escolha já direcionou as seguintes: os alunos deveriam ter entre 12 e 13 anos e estudarem no turno da manhã, para que os encontros se realizassem à tarde. Então me lembrei de Letícia, colega dos meninos e que também ajudaria a construir um grupo bonito de acompanhar. Enquanto pensava no restante do grupo, fui escolhida pelo Xandi, que num encontro de olhares e gestos definiu o quarteto: Thalisson, Vitor, Letícia e Jefferson Alexandre, o Xandi.

Quando conversei com Thalisson sobre a pesquisa e o convidei a participar, seus olhos pretos arregalados como quem vive admirado pelo mundo já me deram um sinal afirmativo de sua participação. Entusiasmo semelhante veio da Letícia, que além do brilho nos olhos me

7. Optamos por manter os nomes verdadeiros das crianças ao longo do texto, com a intenção de valorizar as autorias e criações dos “cartógrafos mirins”, pois entendemos que a pesquisa cartográfica desenvolveu-se com eles.

recebeu com um grande sorriso. O “Tá, pode ser” de Vitor, que desviando o olhar parecia mais atento ao jogo de futebol que ocorria mais adiante, já me deu pistas de que se contássemos com sua participação, esta provavelmente seria efêmera. Uma certa introspecção associada a uma atenção vagueante me deixou em dúvida quanto ao interesse e compreensão do convite pelo Xandi. Para minha surpresa, no dia seguinte ele estava com um recado da mãe, pedindo para nos encontrarmos, para que ela pudesse me conhecer e assinar os Termos de Consentimento<sup>8</sup>. Após cerca de uma semana de insistência, Thalisson e Letícia me trouxeram os termos assinados.

Num dia de semana, descansando após o almoço, escuto um bater de palmas em frente ao portão de casa: “Sora!”. Era Thallison e Jaqueline, sua mãe, de bicicleta, para que ela pudesse me conhecer e compreender melhor a pesquisa. O carinho, cuidado e admiração daquela mãe pelo filho pareciam explicar parte de sua biografia, de certa forma também me fazendo compreender porque eu o havia escolhido para participar da pesquisa.

### 3. O CAMINHAR

#### 3.1 PRIMEIRO ENCONTRO – DOIS DE OUTUBRO DE 2013.

Caminho da minha casa até a escola. Pouco mais que quatro quadras. Na mochila um gravador, máquina fotográfica, papel, lápis, giz de cera, água gelada e cinco canequinhas. Dia de sol bem amarelo, com um vento gostoso que convida ao caminhar. Se fosse um pouco mais quente dava até pra entrar na água.

Alguns passos apressados se aproximam por trás: “Oi sora!”. Era o Xandi, que pela faceirice estava ansioso para começar alguma coisa. O que será que ele imaginava? Sua timidez não permitiu muitas palavras. Fiquei sem saber, por enquanto.

Sentados no cordão da calçada, vimos o aceno de Thalisson e Vicente, que entraram correndo na última rua à direita (ou primeira à esquerda?) para chamar o Vitor. “Ele não vem, sora. Disse que não conseguiu autorização, que a mãe dele tá viajando. Mas na próxima ele vai”, me explica Thalisson, assim que chega. Então sentamos os quatro na calçada, esperando Letícia. Passou um ônibus, passou outro. O próximo demoraria mais de 30 minutos. Decidimos começar a caminhada sem a Letícia, que provavelmente não viria mais. Vicente se integrou ao grupo original por conta própria. Sentiu-se bem à vontade para isso, afinal já havia sido meu aluno no ano anterior.

8. O modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue ao grupo encontra-se em anexo.

- E aí, pra onde é que a gente vai? Perguntei.
- A gente pode ir pela praia, lá no mato.
- Vamo até o canal! Daí a gente leva a varinha de pescar.
- Vamo atravessá o canal e subi o morro!
- Ah, mas aí tem que ter um dia inteiro. A gente sai de manhã bem cedinho e volta de noite. Tem que ser num sábado!

À medida que íamos nos aproximando da praia, nossa expedição até o morro ia se afastando, ficando para o lado oposto do rumo que íamos tomando.

- Onde a gente tá indo, sora?
- Ué, eu tô seguindo vocês!
- Eu tava seguindo o Vicente!
- Eu tava seguindo o Xandi!

E assim fomos nos acomodando na sombra das árvores da beira da praia. Mas não era mais a beira da praia do banho, da areia grossa. Era depois do Manecão, uma beira de praia da sombra e da umidade que brota do chão lodoso. De um chão que periodicamente se inunda, para alegria da corticeira-do-banhado que nos acompanhava.

Como semente deste primeiro encontro, propus que fizéssemos um mapa. Havíamos conversado sobre um dos objetivos da pesquisa, que buscava o olhar de cada um dos participantes sobre o Lami, então cada um poderia fazer o seu mapa, colocando aquilo que considerasse importante. Sugeri também que pusessem suas casas no mapa, para nos localizarmos melhor. Seguindo a vontade dos meninos, lápis e papel permaneceram na mochila. Os mapas foram gradualmente sendo construídos no chão, com elementos do próprio local: gravetos, areia, capim, junco, latas, potes plásticos e o que mais saltasse aos olhares.





Figura 3. Mapas construídos no chão.



Figura 4. Construindo os mapas.

“(...) Eu sempre desejei que as minhas latas tivessem aptidão para passarinhos. Como os rios têm, como as árvores têm. Elas ficam muito orgulhosas quando passam do estágio de chutadas nas ruas para o estágio de poesia.” (BARROS, 2003)

Xandi e Vicente fazem um mapa juntos, enquanto Thalisson observa e busca elementos para o seu.

**Thalisson:** O que tem aí dentro meu?

**Vicente:** É o junca. É feito da planta nativa ainda por cima.

**Thalisson:** Tu não sabe se o junco é nativo daqui.

**Xandi:** Se tem aqui é daqui! (*risos*)

Do local onde estamos, somos vistos por muitas crianças que passam pela rua e, curiosas, vêm em nossa direção. O grupo ora aumenta, ora diminui, transformando suas intenções sobre o mapa: desde fazer uma fogueira com os gravetos até simular a queda de um meteoro, jogando uma pedra. Vitor, que jogava bola no meio da rua com outros meninos, vem observar o trabalho de Thalisson: “Eu entendi a manha de fazer isso! É que todos palitinho

tem que ter uma forquilha (*se referindo aos gravetos que construíam casas e escola*). Tem que botar um mais grosso aí Thalisson!”

Ambos saem a catar gravetos, enquanto Vicente e Xandi, que já haviam terminado o mapa, tiram fotos, sobem em árvores e molham os pés na água.

Olha um João-de-barro!



ONDE?

Figura 5. Mata na beira da praia.

Ali!



Figura 6. João-de-barro

Peraltagens e invenções ganham uma nova trilha sonora, além do canto dos pássaros, e do carinho do vento nas folhas dos jerivás:

*Ooo retrato que eu te dei, se ainda tens, não sei... Mas se tiver... Devolva-me!*

É um dos bares da praia, abrindo suas portas.

Antes mesmo de terminar, a música é entrecortada pelo carro do picolé:

*Está passando em frente à sua casa o Neikbom picolés! São quatro picolés de frutas por apenas um real ou dois picolés cremosos por um real. Venha conferir!*

Xandi foi conferir. E voltou com quatro picolés de frutas e dois cremosos, divididos entre todos os presentes.

Entre picolés e gravetos, Thalisson e Vitor terminam o mapa.

(SUGERE-SE ASSISTIR AO VÍDEO)

**Vicente:** E aí sora! Nós vamo subir em cima dos quiosques, de uma maneira que nós vamo saí i-ileso. Ileso. Sem quebrar um osso!

**Vitor:** Ó o Vicente tá lá em cima dos quiosques! Tira foto Xandi!



Figura 7. Em cima do telhado.

Seguimos nossa caminhada, todos ilesos. Agora voltamos a ser um quarteto: Thalisson, Vicente, Xandi e eu.

Quais caminhos percorrer?



Figura 8. Linhas impressas no corpo

Rente à beira da praia...



Figura 9. A beira da praia.

junto à água,

fluir de histórias...



Figura 10. Redes.

... e de devires...



Figura 11. Devires do percurso.

### 3.3.1 De onde vem a água?

E por falar em água... De onde vem a água do chuveiro?



Figura 12. Água do chuveiro.

*Do rio!*

*Do cano, do DMAE.*

*Ali tem um cara do DMAE! Vamo pergunta pra ele!*

E eis que o homem das águas responde:

- Vem do chuveiro! É só apertar o botão!

**Thalisson:** Não, mas de onde vem a água do chuveiro?

- Ah, vem do cano do DMAE, da estação lá do Belém.

**Thalisson:** E essa aqui (*estação*) não tem água?

- Não, aqui é só bomba, pra puxar.



Figura 13. Água de chuveiro 2.

Ainda sobre água

**Thalisson:** Olha aqui, um esgoto a céu aberto!

**Xandi:** Isso daí é água pura!

**Thalisson:** Não é nada. Toma então Xandi. Senão seria nascente. E da onde teria nascente aqui? Se a água for limpa, tem que ter nascente pra ser muito limpa.

**Vicente:** Duvidei tu tomar, Thalisson!

**Thalisson:** Eu não vou morrer por intoxicação...

**Vicente:** Valendo um XBox.

**Thalisson:** Eu não, minha vida não vale um Xbox. Só se eu filtrar a água, deixar bem limpinha. Tá, vamo lá então (*seguindo a caminhada*).

**Xandi:** (*em cima da árvore*) Tá e... como é que eu desço daqui?



Sobre cavalos e éguas

**Thalisson:** Olha ali o tamanho da barriga dele! Eu vou tirar de frente pra mostrar a barriga.



Figura 14. A barriga da égua.

**Thalisson:** É cavalo, Xandi?

**Xandi:** É uma égua.

**Thalisson:** Ah, então tá grávida.



Figura 15. Égua pastando na beira da praia.

Preciso sentir de novo o it dos animais. Há muito tempo não entro em contato com a vida primitiva animálica. Estou precisando estudar bichos. Quero captar o it para poder pintar não uma águia e um cavalo, mas um cavalo com asas abertas de grande águia. (LISPECTOR, 1980)

Sobre joão-de-barro

**Thalisson:** Ah, eu quero pegar o ninho do joão-de-barro. Vou aumentar o zoom.

**Vicente:** Sabe qual é o nome científico do joão-de-barro?

**Thalisson:** *Furnarius rufus* (*risos*)

**Xandi:** Cara desgraçado... (*rindo baixinho*)

**Liv:** Como é que tu sabe isso rapaiz?

**Thalisson:** Eu vi na propaganda.

**Vicente:** E do cornários russo?

**Thalisson:** Ah, não tem.

**Vicente:** Ah é, tu não sabe de tudo hein!?

**Thalisson:** Claro que não. Como é que eu vou saber o nome científico do nome científico do joão-de-barro?

**Vicente:** Então, deve ter emendado outro, então tu devia saber!

**Thalisson:** Como é que eu vou saber?

**Vicente:** Estudando.

**Thalisson:** Se tu não estuda...

**Vicente:** Tu não estuda por acaso meu?

**Thalisson:** Estudo. E tu deixa o caderno em branco, por acaso?

**Vicente:** Não.

**Thalisson:** Deixa né?

**Vicente:** Eu não

**Thalisson:** Então mostra pra sora, então!

**Vicente:** Eu mostro. (*pausa*). Olha lá outro joão-de-barro!

**Xandi:** Olha ali, tem um canarinho ali, ó! ... Ah, saiu...



Entrando na Rua Nova Olinda

Figura 16. A placa.

Ao entrar na rua em direção oposta à praia, sons, cheiros e cores já começam a se transformar. De um agudo em ondas dos balanços da pracinha, passamos aos latidos de cachorro dos pátios das casas. O cheiro de água e égua deu lugar “àquela aranha fedida, tipo fede-fede”. Os olhares fotográficos passaram a se interessar pelos carros estacionados, de fuscas e chevetes a caminhonetes modernas.



Figura 17. Fuscas.

Apenas um cabrito alternou a atenção...



Figura 18. Chevete.



Figura 19. Cabra.

Na Otaviano José Pinto, estrada principal que leva à praia do Lami, o fluxo de carros e ônibus passa a compor a paisagem sonora e visível. Outras percepções, outros ritmos.

Uma grossa corda pendurada em uma árvore chama a atenção:

**Xandi:** O sora, tu tá vendo essa corda aqui? Era dos bugio<sup>9</sup>. Era dos bugio pra eles passar numa figueira. Aquela figueira ali que tá deitada. E caiu. É por causa que uma vez quando faltou luz isso aqui (*a corda*) tava baixo, o fio caiu, e o carinha vinha de moto, assim, com o capacete levantado, daí pegou no capacete dele, assim, daí ele capotou.

**Thalisson:** Ele não morreu?

**Xandi:** Não, só ficou com um monte de fratura

(...)

**Xandi:** Olha aqui Thalisson!

**Vicente:** Tira foto do ratinho.

**Xandi:** Isso daí é um gambá o animal!

**Thalisson:** Isso aqui é um gambá. Foi atropelado né?

(...)



Figura 20. Gambá atropelado.

**Xandi:** Eu morava nesse sítio aqui, ó. Era bem pra lá. Tinha um monte de campo. Tinha um açude, tinha as tarrã<sup>10</sup>. Lá, olha lá!



Figuras 21, 22 e 23. O sítio dos cavalos, ovelhas e tarrãs.

9. Em algumas ruas do bairro existem pontes feitas de corda, para passagem dos bugios. Tais pontes foram colocadas por iniciativa do Projeto Macacos Urbanos, para minimizar os atropelamentos e ataques por cachorros que ocorrem quando os macacos descem ao chão.

10. Ave da espécie *Chauna torquata*, comum em áreas de campo e banhado. Seu nome onomatopéico é referência ao seu grito.

(...)

**Vicente:** Olha ali, parece um pêssego!



Figura 24. Frutas do caminho.

**Thalisson:** Dá um pezinho que eu pego ali. (...) Olha, por dentro, parece títica de galinha!



Figura 25. Por dentro.

**Liv:** Vamo pergunta praquela senhora, ali, se dá pra comer. Ela deve saber.

**Thalisson:** Tá, vamo lá então. O vovó... (*risos*). É a mamãe noel...

(SUGERE-SE OUVIR ÁUDIO UM)



Figura 26. Dona Maria da Protásio Alves.

Ao final da caminhada passa por nós um caminhão do DMAE. Então Xandi, dando risada, comenta:

- Olha aí, ó, essa daí é a água do DMAE, que vem lá de Belém!

Mas o instante já é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e torna-o passado. Eu, viva, tremeluzente como os instantes, acendo-me e me apago, acendo e apago, acendo e apago. Só que aquilo que capto em mim tem, quando está sendo agora transposto em escrita, o desespero das palavras ocuparem mais instantes que um relance de olhar. Mais que um instante, quero o seu fluxo. (LISPECTOR, 1980)

### 3.2 SEGUNDO ENCONTRO – NOVE DE OUTUBRO DE 2013

Nos encontramos em frente à escola, Thalisson, Xandi e eu. Com a chegada da primavera, florescer de namoros e peladas na praia, já intuía que Letícia e Vitor não apareceriam, bem como Vicente, que segundo Thalisson estava jogando videogame.

Fomos em direção a uma enorme figueira, entre a escola e a parada de ônibus, que no contexto da paisagem exerce um papel semelhante aos obeliscos das avenidas das grandes cidades. A sombra da figueira e o canto das aves era um convite ao conversar nos bancos de madeira. Minha proposta, antes de iniciarmos a caminhada, era contarmos um pouco da nossa história e dos lugares onde já vivemos.

**Xandi:** Vai lá, Thalisson, primeiro tu.

**Thalisson:** Ah, vai no par ou ímpar então.

(...)

**Xandi:** Ahhh...Tá, quantos anos tu tem Thalisson? Onde tu nasceu?

**Thalisson:** Tá. Eu tenho 13. Nasci lá na Lomba do Pinheiro. Acho que eu tinha uns cinco ou seis anos que eu vim pra cá. Não lembro. Eu era muito pequeno.

Passa o caminhão de bebidas do bar.

**Thalisson:** Então agora é tua vez!

**Xandi:** *(rindo e arregalando os olhos para o Thalisson)* Mas deu já!? Bahhhh... *(risos)*. Meu nome é Jefferson, tenho 12 anos, eu nasci... eu acho que eu nasci em... nem sei onde é que eu nasci. Meu pai tinha me contado uma vez, só que eu me esqueci já. Eu já morei lá perto do Bom Lami *(supermercado)*, na igreja lá. Era o saguão da igreja. Bah, lá tinha umas aranhona assim, desse tamanho, gigante. Depois eu morei na minha tia, só que daí eu era bem pequenininho, lá na 21 *(parada 21 do Lami)*. E daí depois eu morei, deixa eu ver, ali naquele sítio lá dos cavalo, ali do...

**Thalisson:** Onde tem aquelas ovelha?

**Xandi:** Aham. Tem um açude lá e da pra entrar lá no matão lá.

**Thalisson:** Ah, eu já entrei.

**Xandi:** Tem uns peixão assim, desse tamanho. E também, daí depois que eu me mudei dali, daí eu fui lá pro outro lado da rua. Que tinha mais uma casinha. Daí eu fiquei lá acho que um ano. Daí agora eu tô morando ali (*referindo-se a casa na rua Sorela*).

**Thalisson:** Eu só morei em dois lugar aqui do Lami. Lá naquela casa que a sora foi aquele dia. Lá tem bastante mato. Eu já entrei lá pros banhado. Eu já fui bem lá pro fundo lá. (...) Uma vez eu fiquei confuso, eu fui assim pelo mato, daí quando eu vi tinha um campo, eu tava até de bota, a água vinha até por aqui (*apontando para os joelhos*), quando vê eu passei por essa parte. Quando eu olho assim, tem um muro e dois cavalo igual que eu já tinha passado. Daí eu pensei: já dá a volta? Aí depois outro dia eu vi que era diferente os cavalo...

**Xandi:** Se confundiu...

Quando perguntei qual casa eles mais haviam gostado de morar, Thalisson prontamente respondeu que era “a casa do mato, dos cavalo, por causa que lá tem mais árvore do que lá” (*casa atual, junto a um bar na Otaviano José Pinto*). Mesmo morando em outra casa, Thalisson ainda frequenta a casa antiga, para alimentar os cachorros que ficaram por lá, por não haver espaço na casa atual. Xandi disse preferir o sítio, que tinha tudo, “tinha até árvore com fruta, tinha limão, laranja, bergamota, tinha goiaba”.

**Xandi:** Ah, eu me lembrei agora, eu morei em mais um sítio... falei em goiaba e lá tinha goiaba... Num sítio lá que tinha um portaozão... E lá tinha também uns cavalo e tinha um galpaozão, assim, que tu colocava a égua lá. E tinha uma cadelinha que saía correndo atrás das galinha. E tinha um cachorrão preto, que o meu pai, pra dar banho nele, pegava e tocava no açude, daí quando vê ele demorava um tempão pra subir. Daí eu “ô pai, matou o cachorro”, quando vê VUM, ele sai. (...) Teve uma vez que eu tava tomando banho, daí eu deixei minha varinha de pescar lá na beira do açude com uma minhoca e fui lá ver meu pai, por causa que ele tava pegando cavalo né, daí eu olho pra varinha e ela tá se mexendo assim, e eu puxo assim e ela descrava assim do chão, me puxa assim e eu puxo assim, daí levantou um peixe assim. Daí meu pai colocou numa bacia pra mostrar lá pro dono né, daí quando vê, quando eu to voltando do colégio, o cachorro assim, correndo com o peixe na boca, daí eu “Nãaaaaoo!” Bah, eu comecei a chorar. Daí eu saí correndo atrás dele, peguei ele pelo pescoço e ele me arrastou (...). Consegui pegar o peixe, só que ele morreu. Eu coloquei ele na água, só que depois ele virou de cabeça pra baixo e...

E assim o baú de histórias foi aberto...

**Thalisson:** ... E tinha os marrequinho lá, acho que era do mato, parecia os patinho...

**Xandi:** Eu já tentei lá no sítio que eu morava pegar, não sei se era um patinho, mas aquele bichinho que corria rápido...

**Thalisson:** Ah, eu sei, galinha do mato!

**Xandi:** Tinha um bico laranja. Não, verde.

**Thalisson:** Que só corre?

**Xandi:** Ahã.

**Thalisson:** É, uma galinha do mato. É desse tamanho. É difícil de pegar né?!

**Xandi:** E lá tinha aracuã<sup>11</sup> também. Uns bichão assim (*imitando grunhidos de aracuã*)... Na hora que eu fiz assim (*pra pegar a pena do aracuã*) o bicho voou e me tocou lama na cara...

Receita para pegar pena de aracuã

Ingredientes: uma caixa grande, um pedaço de madeira, corda, milho, paciência e agilidade.

Preparo: Colocar a caixa virada para baixo, com o pauzinho segurando. Colocar milho embaixo da caixa. Amarrar e corda no pauzinho. Esperar o bicho ir comer o milho e... zum! Puxar a corda!

Atenção: a corda é fundamental para a caixa não cair em cima do pé!

Tabela 1. Receita para pegar pena de aracuã<sup>12</sup>.

11. Ave da espécie *Ortalis guttata*, encontrada frequentemente em bandos que são facilmente reconhecidos por seus gritos estridentes.

12. Receita dada pelos meninos ao longo da conversa.



Agora já tá na hora de caminhar!



Figura 27. Caminhando em direção à praia.

Aquilo dali é um gato?



Figura 28. Gato no telhado.

Como é que ele não tá com calor?

**Xandi:** Tem gente na praia! Eu não tomo banho nessa água aí.

**Thalisson:** Não, tá loco. Depois o cara tem que tomar um em casa. Se é pra vim toma aqui eu prefiro tomar de piscina, que é melhor..

**Liv:** Mas vocês não tomam banho aqui? Nem no verão?

**Xandi:** Ah, no verão eu tomo só quando meus primo vêm.

**Thalisson:** Eu não. Só se tiver muito calor, que não dá pra aguentar.

**Liv:** Por quê?

**Thalisson:** Porque é muito suja essa água. Mas aqui, essa daqui é mais limpa né, Xandi. Mais clarinha. Bem pra lá (*apontando em direção à Itapuã*) é bom de entrar, por causa que é limpa<sup>13</sup>.

13. De acordo com o órgão responsável pela fiscalização das condições da água, a praia do Lami possui locais próprios para banho. Em alguns pontos da praia, onde o chão é mais lodoso e há maior concentração de junco, a água fica mais escura, fazendo com que os banhistas prefiram as partes da praia com solo arenoso. Além deste fator, o local em questão era bastante próximo da foz do arroio Manecão, visivelmente poluído.

Olhá lá o barquinho!



Figura 29. O barco.

**Thalisson:** Eu queria ir lá praquele morro lá.

**Xandi:** Qual dos três?

**Thalisson:** Qualquer um. Daqui parece perto, mas é longe. Só se for de barco. É o morro do coco, aquele de lá.

**Xandi:** Aquele? Me falaram que era esse daí.

**Thalisson:** Aquele dali é o brócolis!

*(Risos)*



Figura 30. O barco e os morros.

Mais uma vez o fluir da água chamou nosso caminhar para junto dela. Seguimos pela areia, ora molhando os pés, ora secando ao vento. Nessa parte da praia não existem casas. Depois da areia, há uma mata de restinga, permeada por áreas de campo, onde eventualmente fica o gado. Mesmo se espicharmos o olhar até quase Itapuã, não veremos indício de habitações humanas. Nos momentos de silêncio, ouvíamos um orquestra de rãs, dos banhados mais ao fundo, com solos de aves, as mais diversas: da melancolia da rolinha (u...uu...) ao fervor do quero-quero. O ritmo, definido sempre pela água, agora convida ao brincar:

**Thalisson:** Vamo vê qual é a que dá mais pulinho?

**Xandi:** Três!

**Thalisson:** O meu foi quatro!

E assim ficamos tocando pedrinhas na água, por um tempo que o relógio não consegue marcar. Tempo aiônico<sup>14</sup>, da criança, da vida.

(SUGERE-SE OUVIR ÁUDIO DOIS)

14. Em grego clássico existem três palavras para designar o tempo: chrónos, kairós e aión. A mais conhecida é chrónos, que designa um tempo contínuo, sucessivo e ordenado, como o tempo do relógio. Kairós é como uma temporada, tempo da oportunidade. Já aión refere-se à intensidade do tempo da vida humana, uma temporalidade não numerável nem sucessiva, mas intensiva. (KOHAN, 2004).

Vou tirar foto da outra câmera...



Figura 31. Uma câmera.

Eu tirei foto da tua câmera e de ti!



Figura 32. Outra câmera.

Olhá lá um passarinho lá!



Figura 33. Passarinho.

**Xandi:** O Thalisson, e quando a gente chegar lá e começar a... e tiver água, o que a gente vai fazer?

**Thalisson:** Se não der pra passar? Vai ter que ter um jeito, ou se não a gente vai ter que voltar.

**Xandi:** Mas tu conhece pra lá? Uma vez eu dei duas volta no mesmo lugar lá...

**Thalisson:** Lá é legal, porque parece aquelas areia que tem sal.

E seguimos caminhando sobre a trilha de junco seco...

(SUGERE-SE OUVIR ÁUDIO TRÊS)

**Xandi:** Antes eu treinava aqui. Eu corria até aquela guarita três vezes e voltava. Depois eu ia lá pro campo jogar.



Figura 34. Guarita salva-vidas.

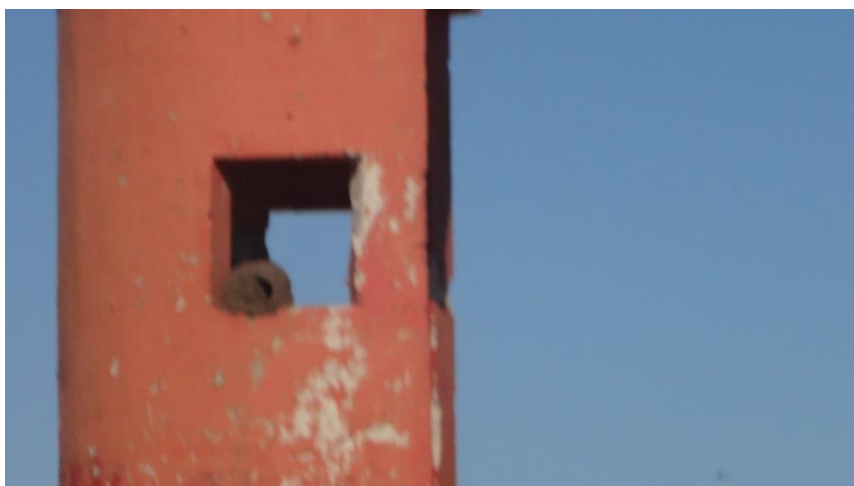


Figura 35. Casinha na guarita.

Olha que legal esse tunelzinho!



Figura 36. O túnel.



Engarrafamento de formiga!

Figura 37. Formigas no túnel.

**Thalisson:** Uma vez a gente tava aqui, daí a gente começou assim com guerrinha.

**Xandi:** De cocô?

**Thalisson:** Mas é seco. Quando é seco não é sujo, por causa que é só grama. Ah, foi muito legal...



Figura 38. Cocô de vaca.



Olha! Tem gente lá!

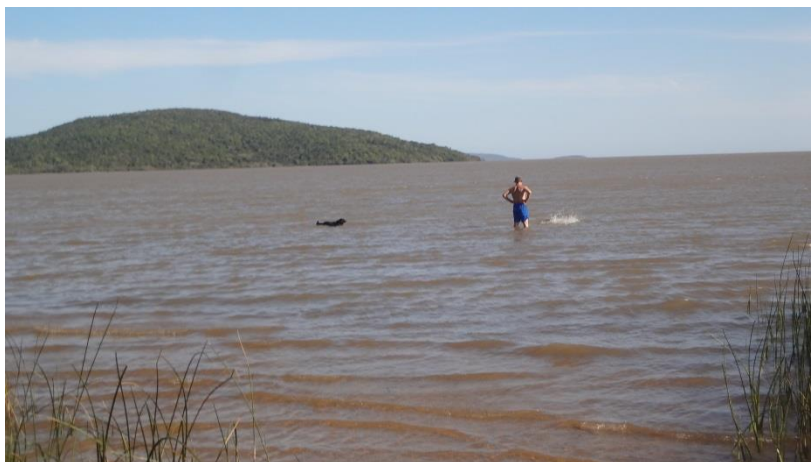


Figura 39. Banhistas.

Seguindo uma trilha que entra para o mato, outro universo...

O vento, aqui, já não bate tão seco quanto na beira da praia. É como se ele perdesse força e ganhasse umidade, cada vez que esbarra nas folhas das árvores. O taquaral faz um rangido no se balançar, igual avó na cadeira de balanço.



Figura 40. Trilha na mata.

**Thalisson:** Acho que a gente vai ter que voltar, aqui tem muito mosquito.

**Xandi:** Será que a Amazônia é assim também?

Olha aqui!

Tá na hora de tirar foto!



Figura 41. Casco de tartaruga.

**Thalisson:** É grudado no casco, o osso?

**Xandi:** Eu nunca tinha visto o buraco. Bah, tá fedendo isso aqui...

**Thalisson:** O osso é grudado! Por isso que se bater no casco ela morre! Do que será que é feito isso aqui? Embaixo! Vou virar...

**Xandi:** Olha aqui!

**Thalisson:** É a pele! Parece um papel manteiga.

**Liv:** Isso aqui fica ou a gente leva?

**Xandi:** Esse trocinho fedorentinho?

**Thalisson:** Deixa aqui, até se decompor...



Figuras 42 e 43. Por dentro e por baixo do casco.

**Xandi:** Tem um amigo que tinha uma tartaruga.

**Liv:** Viva?

**Xandi:** Morta. Eu perguntei pra ele “cadê a tartaruga?” e ele “eu comi”. Não sabia que se comia.

**Thalisson:** Se come, lá no nordeste.

**Liv:** E aqui não come?

**Thalisson:** Não.

**Xandi:** Só o meu amigo!

**Thalisson:** Por causa da Reserva<sup>15</sup>. Senão vão extinta as tartaruga.

**Liv:** Mas o que a Reserva faz?

**Thalisson:** Protege. É área restrita.

(...)

**Thalisson:** Já comeu coelho, sora?

**Xandi:** Meu pai já comeu carne de tatu!

**Liv:** Tatu, o bicho?

**Xandi:** É.

**Thalisson:** (*Rindo*) Não tem outro tatu!

**Xandi:** Do nariz!

15. Referência à Reserva Biológica do Lami José Lutzemberger, área de proteção ambiental na região, cujo acesso, atualmente, é permitido apenas para fins educacionais, em visitas agendadas. Sobre a importância da Reserva nas relações cotidianas da comunidade, buscar RECHENBERG, 2007.

Ao longo da caminhada, muitos encontros inusitados: uma chuteira, um sapato de salto, uma garrafa de cachaça, uma caixa de leite, uma bola murcha, uma cabeça de boneca, um apagador de quadro, uma vela de fusca e até uma conchinha, bem pequena e delicada, “com o beijo vermelho”.

Da onde será que vem tudo isso?

**Thalisson:** Acho que vem de lá (*apontando para a água*).

**Liv:** Mas onde é lá?

**Xandi:** Lá não é onde que fica os navio?

**Thalisson:** Cais do porto?

**Xandi:** É.



Figura 44. Limites.

“(…) Ouve-me, ouve meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa.”

(LISPECTOR, 1980).

“(...) Quando digo “águas abundantes”, estou falando da força do corpo nas águas do mundo.”  
(LISPECTOR, 1980).



Figura 45. Águas abundantes.

(SUGERE-SE OUVIR ÁUDIO QUATRO)

“(…) Formas redondas e redondas se entrecruzam no ar…” (LISPECTOR, 1980)



Figura 46. Ar.

“(…) De que cor é o infinito espacial? É da cor do ar.” (LISPECTOR, 1980)

### 3.3 TERCEIRO ENCONTRO – 16 DE OUTUBRO DE 2013

Marquei com Thalisson em frente à escola. Alguns minutos antes do combinado ele aparece de bicicleta em frente à minha casa. Peguei minha bicicleta e saímos juntos. A caminhada virou bicicletada e a escola ficou para trás. “Vamos até o estádio de futebol<sup>16</sup>!”, disse ele. E pra lá seguimos: sai da rua Bisa, entra na Otaviano à esquerda e “segue toda vida”. Passa um mercado, passa dois, passa a rua do Xandi <hoje ele não vem, combinei com ele amanhã>, passa a rua do posto <de saúde>, passa a Reserva, passa a casa do Thalisson <tudo bom, Jaque?>, passa a 21 <a parada estava vazia, o R67 já devia ter passado>, passa o pônei <são dois!>, passa o campo, cheio de boi, e quando chega no Bom Lami <supermercado> pega à esquerda. Passa a aldeia Guarani <que desenho legal na parede!> e entra à direita, na Igreja <onde já morou o Xandi> e segue pedalando. Passa o parque <dos dinossauros, onde tem piscina>, pedala mais um pouco <olha uns óculos no chão!>, agora mais faceiros, e chegamos ao estádio.

*Por que tu quis vir aqui?* Pergunto eu.

*Porque aqui eu acho bonito.*

Chegando lá, fomos recebidos por muitos cachorros, que latiam atrás dos portões, e por um senhor que cuidava da portaria. Nos sentamos numa sombra, pra tomar água, do lado de fora do estádio. Os cães não latiam mais. Ao fundo se ouvia a televisão ligada na portaria, alguns bem-te-vis e freqüentemente carros e caminhões que passavam na estrada.

**Thalisson:** Eu tenho cinco cachorros, mais um que fica na rua. Dois tão na outra casa ainda, porque tem pouco espaço e quase não tem sombra, só do coqueiro ali na frente do bar. Eles iam cortar, só que as pessoas da Reserva não deixaram. Tentaram cortar, daí ele ficou com uma boquinha assim. Daí a gente fez uma área e ele ficou lá em cima, no meio da área, assim. Daí quando chove a água escorre por ele. É um formigueiro aquele coqueiro. Dentro lá tá cheio de formiga.

**Liv:** E o coquinho?

**Thalisson:** Eu como. Tem vez que ele (*padrasto*) faz cachaça. (...) Acho que vou desenhar aquele coqueiro (*me vendo tirar os lápis e papéis da mochila*), e com a área junto. Acho que vou fazer sem lápis. Direto de giz, que fica bom.

Enquanto ele desenhava, conversávamos sobre brinquedos e brincadeiras (na semana anterior havia sido dia das crianças).

**Thalisson:** Eu brinco mais de jogar bola, mexer no computador. Tem vez que eu brinco com a minha irmã. Mas eu não gosto muito de brincar com ela por causa que ela é pequenininha.

16. Referindo-se ao estádio do Porto Alegre Futebol Clube (antigo Lami Futebol Clube), administrado pela família do Ronaldinho Gaúcho, jogador de futebol, dono do espaço e de tantas outras áreas na zona sul da cidade.

Tem vez que eu to com preguiça, daí ela fala “vamo brincá” e eu “vamo, de comidinha”. Daí quando vê a gente prepara e daí a gente come. Por causa que eu não gosto de brincar daquelas comidinha que pega as folha e mistura. Ela brinca disso. A gente fez até um cardápio, pra gente brincar. (...) Quando eu jogo bola eu sempre jogo na lateral, por causa que eu sou muito baixinho. Eu não gosto de ser meio campista. Pra jogar de atacante eu não gosto também, por causa que fica muito parado. Tem uns que ficam parado e outros que ficam se mexendo mais. E o lateral vai assim na linha lateral e volta. Ele faz parte da defesa, só que ele vai pra cima também. Por isso. (...) Lá no Pinheiro (*Lomba do Pinheiro*) o que eu mais fazia era jogar bola, por causa que lá não tem muita árvore pra mim subir. Antes quando eu morava ali no sítio eu subia pra pegar as fruta. Tinha bergamota de monte! Sim, porque se eu não subisse eu ia ter que pegar as menor. E lá eu cuidava dos porco que tinha. Eu dava água, tinha vez que eu dava farelo e vez que eu dava lavagem. Eu colocava uma sacola assim na mão, porque o cheiro é muito ruim. (...) O sora, um dia eu queria pintar com aqueles spray assim nas paredes. Acho que a gente vai pintar com o Mais Educação<sup>17</sup>. Vai ser bom. Tem umas escolas que até já vem pintadas. (...) Sora, tu ainda tem Artes?

**Liv:** Não, na faculdade não tem.

**Thalisson:** E como é o nome? Tem outro nome?

**Liv:** Não, na faculdade de Biologia não tem Artes...

(...)

**Thalisson:** O sora, tu leva tuas comida na vianda ou eles dão merenda lá na tua faculdade?

**Liv:** Na faculdade eles dão merenda, mas a gente tem que pagar.

**Thalisson:** Tem que pagar?

**Liv:** Um real.

**Thalisson:** Todo dia?

**Liv:** Todo dia.

**Thalisson:** Lá é pobre, sora?

**Liv:** Como assim?

**Thalisson:** É que todo dia tem que ficar dando dinheiro... Ou eles são esperto?

(...)

**Thalisson:** Tu dorme de tarde, sora? Eu nunca dormi de tarde. Nem quando chove, que tem que entrar pra dentro e ficar esperando a chuva passar. Mas agora vai ser bom que só vai vim calor direto. Eu gosto é quando tá bem calor, assim, daí cai só uma chuvinha bem fraquinha assim, e depois pára. Que daí refresca e depois volta ao normal e daí fica bom. (...) Pronto, terminei.





T. Thalison

Figura 47. Desenho do Thalison (coqueiro na área de casa).

### 3.3.1 Ciclos

**Thalisson:** Acho que dá pra gente voltar.

Pra fazer o caminho de volta, é só ir ao contrário do caminho de ida. Ou não?

Voltando para a casa de bicicleta, depois de me despedir do Thalisson, resolvi ir pela beira da praia. Numa curva, depois de uma grande figueira, havia uma casinha. Parecia pequena, mais ao fundo do terreno. Na frente um barco de madeira virado, com uma placa onde se lia “vende-se”, indicando o fim de um ciclo. À sombra de um avarandado, ao lado do barco, um casal de velhos, sentados, em silêncio, olhando...

Ela era pequena, franzina, de olhar distante. A companheira. Ele, mais corpulento. Camisa clara entreaberta e bermudinha branca. Provavelmente já havia diminuído de tamanho, com o tempo, mas conservava uma vitalidade de criança no olhar, dessas de quem já viveu muito e se nutriu de histórias pro resto da vida. Parei a bicicleta e fui puxar conversa. Em menos de um minuto:

*Entra, minha filha. Puxa um banco. Pega uma cadeira pra ela, minha véia.* Era o Seu Gaiola<sup>18</sup>, dono da casa, me convidando para entrar.

Tereza, sua companheira, foi quem me abriu o portão.

Seu Gaiola é pescador profissional há mais de 60 anos no Lami. Veio de Mostardas. Agora tem 81 anos. Faz e conserta redes de pesca e tarrafas. A Tereza também tece: é responsável pelo fundo da tarrafa. Os resultados do ofício estão pendurados nas paredes externas e internas da casa: “Tem tarrafa de 12 braçada, colorida, e até de pegar camarão”, comenta ele.

Gaiola também é músico e compositor, com a Tereza de companheira nos vocais. Em outros encontros tive a oportunidade de ouvi-los cantar e tocar violão. Música caipira, como a do João-de-Barro (interpretada também por Tônico e Tinoco e Sérgio Reis), música gauchesca “Pedro Ortaça, Gildo de Freitas...”, e músicas próprias, como a do Bugio, que concorreu no MusEcologia (festival de música que ocorria antigamente no Lami). “A gente só não ganhou porque na hora o gaitero tinha tomado muita cachaça e não conseguiu tocar”.

Sonhei em levar os guris pra conhecer os véio...

18. Em referência já citada (RECHENBERG, 2007) é possível saber mais sobre as histórias do casal e até ouvir uma das composições do Seu Gaiola.



Figura 48. Catavento

“Agora é um instante. Você sente? Eu sinto.” (LISPECTOR, 1980)

### 3.4 QUARTO ENCONTRO – 17 DE OUTUBRO DE 2013

Espero o Xandi em baixo da figueira. Aquela mesma figueira-obelisco em frente à escola. Estou sentada num banco que parece uma gangorra, grudado a uma mesa de concreto cujo tampo tem pintado um tabuleiro de xadrez. Será que alguém joga xadrez aqui?

*Oi, Sora!* É o Xandi, que chega caminhando.

*Oi, Xandi, tudo bem contigo?* Eu respondo.

Neste encontro proponho que ele escolha uma das casas de sua história para desenhar. Diferentemente do Thalisson, ele escolhe o lápis cinza, grafite, para marcar os contornos dos desenhos. Xandi está concentrado, de cabeça baixa. Só levanta o olhar quando passa algum carro ou quando eu falo. Na paisagem sonora, além do costumeiro canto dos bem-te-vis e sabiás, predominam as muitas vozes que vêm da escola. Alguns minutos depois ele termina o desenho.

**Xandi:** Eu fiz a capela que eu morava. Só que eu morava bem dentro, assim, numa pecinha que tinha aqui. Aqui tinha um outro portão do lado, era um sítio (*apontando para os detalhes do desenho*). Essa árvore aqui era uma arvorezona, gigante, assim, só que era toda machucada, cheia de buraco. E aqui perto tinha uma portinha lá em cima, que ficava o tiozinho. E às vezes tocava o sino: ao meio-dia, a uma e às cinco. E aqui era o pátio, que eu jogava futebol com uma guria, lá. Ela que me ensinou um pouco a jogar futebol. Era filha do dono. Eu era desse tamainho, assim, careca. Eu gostava de morar lá. Tinha um campo de futebol e tinha uns boi loco. Eu mexia com eles e saía correndo. Teve uma vez que o boi tava lá comendo capim, daí eu dei um tapa nele e saí correndo. Daí ele saiu correndo atrás de mim. Eu e o meu primo. Daí a gente subiu em cima de uma cabaninha, onde que o juiz fica (*risos*). Teve um dia que era sexta-feira 13, daí eu subi em cima da árvore e coloquei uma máscara e tinha faltado luz, daí eu subi e tava todo mundo me procurando. Daí quando vê meu primo ficou embaixo da árvore e eu pulei nas costas dele, assim, e ele: Ahhh!!! Saiu correndo. (*risos*).

**Liv:** E de que mais tu gostava de brincar lá, Xandi?

**Xandi:** Lá eu jogava futebol, brincava de pega-pega, esconde-esconde, polícia e ladrão, pular corda. Dava pra brincar de um monte de coisa lá.

**Liv:** E o padre? Como que era o padre?

**Xandi:** Eu não sei, eu nunca entrei na igreja. Só pra me batizar uma vez. Era um tio careca. Quando eu via ele, eu mexia com ele e ele ficava brabo. (...) Tinha umas galinha lá, que colocava ovo no mato, daí eu tinha que ir lá pegá. Só daí era quase que nem uma caça ao tesouro. Tinha um galo loco lá também, que dava com as espora. O banheiro também era na rua, daí pra ir no banheiro era um sacrifício, com aquele galo lá. Eu passava correndo e me trancava. Daí depois eu chamava o meu pai e ele ia lá me buscar. (...) Tinha um furo na cerca, que eu entrava e me enfiava lá pra dentro do mato. Eu fiz uma casinha de madeira lá, eu ficava às vezes lá. Era atrás duma árvore. Ninguém me via. Passou já um monte de carinha lá.

Teve uma vez que eu vi que eu acho que eles tavam caçando lá, que eles tavam com um bicho na mão.

**Liv:** Que bicho era?

**Xandi:** Não sei, tinha umas guampona assim. Às vezes passa uns ouriço lá. Tinha capivara também. Macaco eu só vi uma vez lá, os bugio. Teve uma vez que eu tava terminando de fazer minha casinha né, só faltava colocar uma plaquinha lá “Não entre”, daí quando vê, no outro dia eu cheguei lá pra arrumar pra mim dormir, daí eu chego lá uma cambada de cachorrinho, que o cachorro tinha feito cria com a cadela do dono lá...

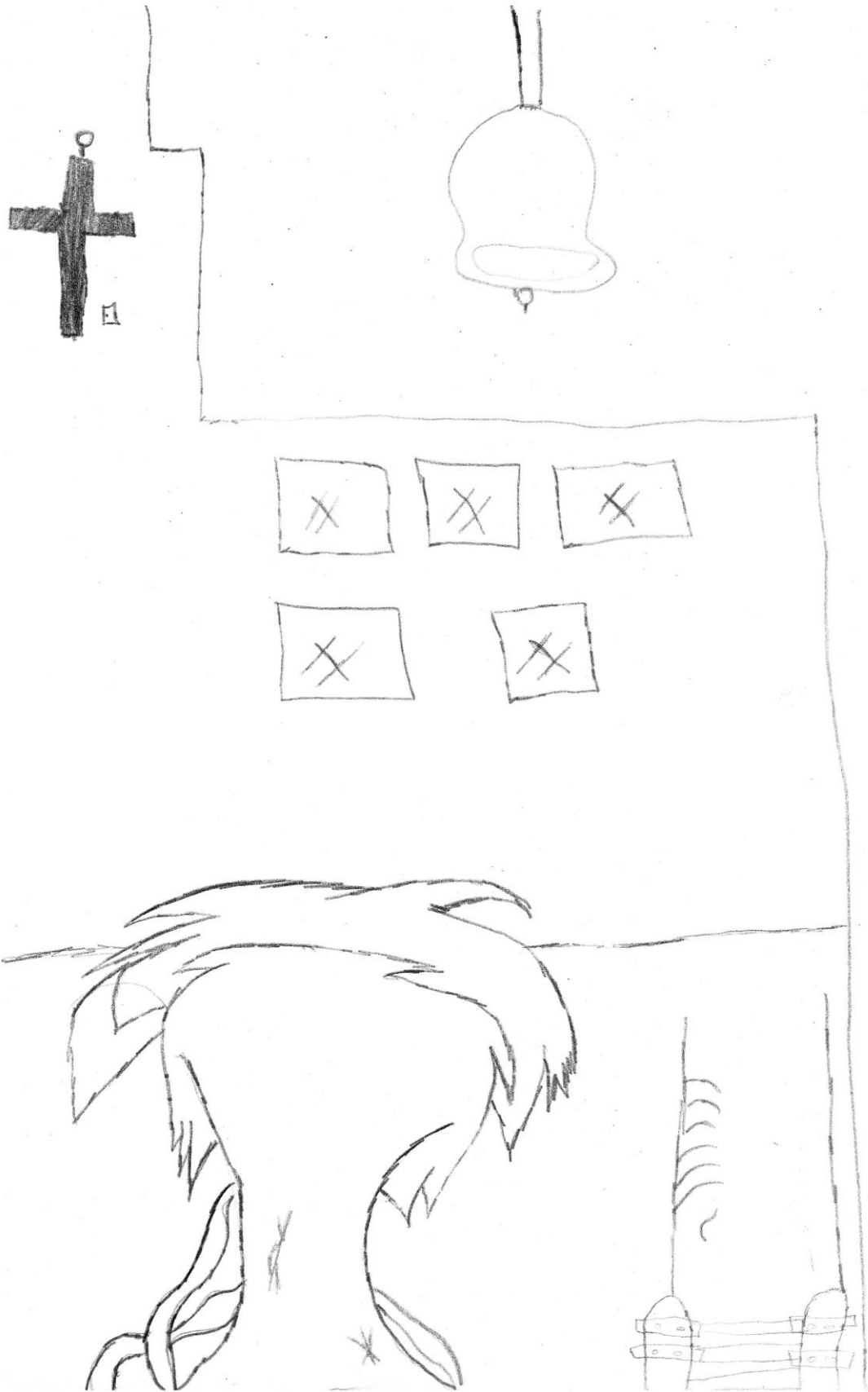


Figura 49. Desenho do Xandi (a casa da capela).

**Liv:** Quer dar uma caminhada?

**Xandi:** Pode ser.

**Liv:** Onde tu tá a fim de ir?

Enquanto eu guardo os materiais na mochila, Xandi espera no alto de um bebedor de concreto desativado, como se estivesse num mirante. Então saímos a caminhar.

**Liv:** E quando tu morava lá, já tinha índio lá na frente?

**Xandi:** Já. Tinha mais antes.

**Liv:** Tu nunca foi lá conhecer eles?

**Xandi:** Só comprei uma vez uma coisinha deles.

**Liv:** O que tu comprou?

**Xandi:** Um tigre.

**Liv:** Que legal. Aqueles de madeira?

**Xandi:** É.

(...)

**Xandi:** A gente ta indo onde?

**Liv:** Não sei, tu que tá decidindo...

**Xandi:** Eu tô seguindo...

**Liv:** Qual lugar tu mais gosta de estar aqui no Lami?

**Xandi:** Na praia.

**Liv:** Na beira da praia? Qual parte?

**Xandi:** No campinho!

**Liv:** Então vamo lá!

No caminho em torno do campinho, algumas casas em obras, vizinhos conversando no portão, criançada da escola brincando na pracinha, algumas casas onde o Xandi já morou, um cachorro que já me mordeu, o ônibus que nos leva e nos traz de volta, um colega da escola, o dono da bola, a Dona Maria do mercadinho, o cachorro do Xandi, uma latinha que vira bola, aquela fruta que parecia um pêssego e ninguém sabia o nome...

**Liv:** Te falei que dá pra comer? É um limoeiro-do-mato. Pra pegar agora acho que só com uma taquarinha pra tirar. Outro dia tento...

Enquanto eu falava, o Xandi já tinha tocado um pedaço de madeira e derrubado meia-dúzia de frutas pra gente comer.

**Xandi:** Ah, agora todos os dias na volta da escola ó.

Mais um pouco de caminhada e...

**Xandi:** Meus dedinho já tão doendo.

Então sentamos numa pedra, próxima ao mercado da Dona Maria, pra tomar água, comer bolo de milho e olhar o movimento.

Ó o seu Renato, do bar do lado do colégio!



Figura 50. Seu Renato.



Tem  
um  
Cigarrinho?



Figura 51. O Cigarrinho.

O Cigarrinho, quando não está deitado em frente à casa onde mora, está caminhando pelo Lami, e cada vez que encontra alguém pergunta: “Me consegue um... cigarrinho?” Uma vez eu estava na varanda de casa, tomando um chimarrão, quando ele passou e perguntou: “Me consegue um...cafezinho?” Mas pelo visto ele pede mais o cigarrinho.

**Xandi:** Meu pai falou que ele era rico, antes. Diz que falava um monte de língua...

E esse, quem é?



Figura 52. Vizinho desconhecido.

Não sei, não conheço.

“Estou percebendo uma realidade enviesada. Vista por um corte oblíquo.”  
(LISPECTOR, 1980)

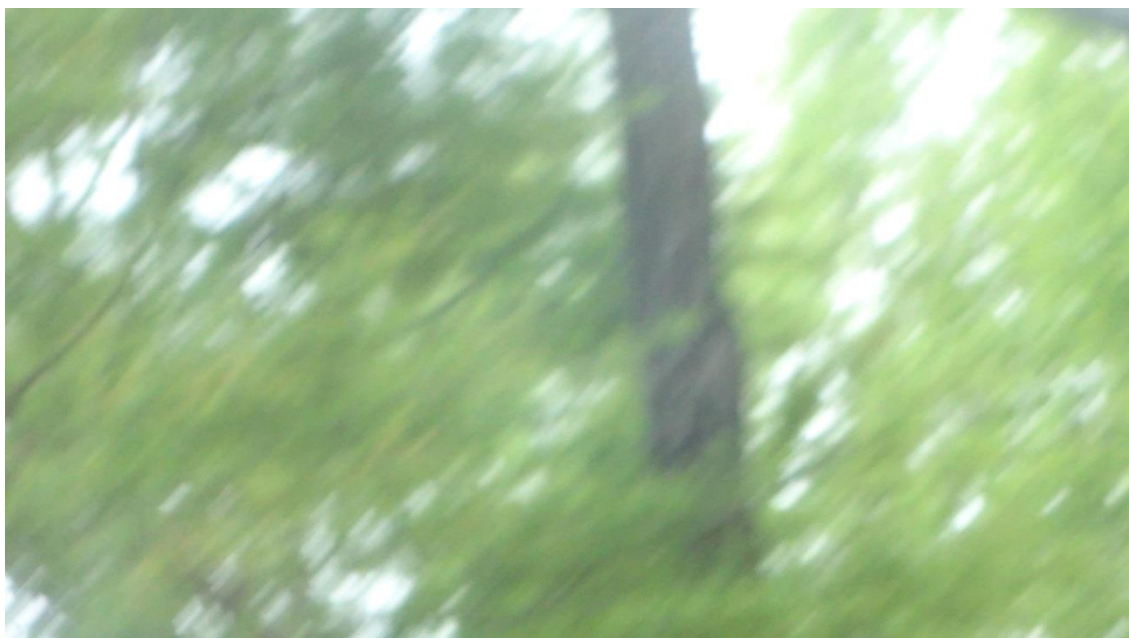


Figura 53. Tronco.

“Agora adivinho que a vida é outra.” (LISPECTOR, 1980).

### 3.5 QUINTO ENCONTRO – 11 DE NOVEMBRO DE 2013

Havia combinado com os meninos em frente à Reserva do Lami, que é bem próxima da casa do Thalisson e da provável nova casa do Xandi. Quando cheguei de bicicleta, Thalisson estava varrendo o pátio. Sua mãe me viu, acenou e assumiu o rastilho. Alguns minutos depois ele chega ao meu encontro, também de bicicleta.

**Thalisson:** Oi, sora!

**Liv:** Oi Thalisson, tudo bom?

**Thalisson:** Tudo. Ó, sora, eu fiz em casa. *(E me entrega uma folha onde havia desenhado sua outra casa, aquela do mato).*



Figura 54. Desenho do Thalisson (casa antiga).

Ficamos esperando o Xandi por mais alguns minutos, até que resolvemos procurá-lo. Não estava na casa nova nem na casa antiga. De acordo com Paula, sua mãe, estava nos esperando na escola. E para lá seguimos, de bicicleta. O Xandi estava no Mais Educação, no reforço de Matemática, por isso perguntei se ele gostaria de ficar na escola e fazer nosso encontro num outro dia. Ele respondeu que gostaria de ficar só mais um pouco, até a hora da merenda, e que depois nos encontrava. Thalisson aproveitou para merendar também.

Depois da merenda, o professor do Mais Educação liberou o grupo para jogar bola no pátio da escola. Então lembrei que o campinho era o lugar favorito do Xandi... Resolvido: os meninos ficariam ali no pátio jogando e eu ficaria por ali com eles, até que o jogo terminasse, para que posteriormente pudéssemos começar a escolher as fotografias que mais tivessem gostado.

Eram três horas da tarde. No campo, jogando, estavam Thalisson, Xandi e mais seis crianças, do quinto e terceiro ano. Xandi no gol. Thalisson correndo de uma ponta a outra da quadra, pés descalços e chinelos na mão, seguindo uma pequena bola vermelha, que parecia ser mais de handebol do que de futebol. Nos muros da escola era possível ver uma pichação que se rebelava contra a escola e a direção. Era recente.

Até cerca de três e meia da tarde ouvia-se ao fundo o barulho que vinha da cozinha da escola, misturado às conversas nas salas de aula e principalmente às vozes dos professores. Mas eram sons suficientemente baixos para seguirmos ouvindo o cantar dos pássaros e as crianças jogando.

“Falta, falta! Vem! / Que falta, meu? / Vai até quanto? / Vai a três! / Quanto tá? / Tá um a zero pra nós!” (Crianças jogando).



Figura 55. Futebol no pátio.

A proximidade de recreio me fez lembrar uma panela de pipoca, onde no início ainda é possível escutar o estouro de um grão (Poc!), depois de outro (Poc!), até que de repente... POCPOCPOCPOC!!! Um turbilhão de explosões. Era recreio.

(SUGERE-SE OUVIR ÁUDIO CINCO)

### 3.5.1 A Escola

Um pouco antes das quatro horas a monitora da escola recolhe a bola, de forma que nos dirigimos até à pracinha da escola, onde estava mais sombreado. Entre escolher fotos de outros encontros e fazer novos registros, algumas conversas sobre a escola:

**Liv:** Por que vocês vêm pra escola?

**Thalisson:** Eu não sei. Por que a gente tá aqui?

**Xandi:** Pra aprender.

**Thalisson:** Ah, isso todo mundo já sabia né. Eu não acho que é pra aprender. Pra aprender é sim, mas é muito mais. Tem vez que é pra jogar bola também.

**Liv:** E o que vocês aprendem na escola?

**Thalisson:** Eu aprendo contigo e as oito matérias que tem aqui. E aprendi que na hora de falar com a Márcia tem que trazer um guarda-chuva! (*risos*)

**Xandi:** Eu aprendo a fazer as coisas. (*risos*)

**Liv:** Tem algum outro lugar que vocês aprendem, além da escola?

**Thalisson:** Tem. Todo! Na minha casa eu aprendo também. E quando eu vou nos lugar também. Aquele dia eu fui na casa do Vicente e aprendi a não ir mais lá, por causa que ele incomoda. (*risos*)

**Liv:** Tá, mas e o que que é aprender, então?

**Thalisson:** Eu não tenho dicionário... (*silêncio*) Aprender é forma de estudo pra ter mais conhecimentos... Eu vou olhar no dicionário.

**Xandi:** A gente aprende pra depois mais tarde a gente não cometer erros na vida, que nem nossos pais cometeram.

**Thalisson:** Os teus cometeram? Os meus mais ainda! Sim porque tua mãe também não estudou né? (*Xandi faz sinal de negativo com a cabeça*) A minha também não. Teu pai estudou?

**Xandi:** Até a quinta série.

**Thalisson:** Mas a família ensina... E a vida também ensina...



Figura 56. Xandi.



Figura 57. Thalisson.

## 4. REFLEXÕES

### 41. SILÊNCIO

Minha vontade agora é não escrever mais nada. É deixar que cada um que leia este texto se encontre com ele, com o que está aqui, à sua maneira. Numa experiência dos sentidos, que produza potências a partir dos silêncios. Que “habite os espaços entre as palavras, as imagens, as recordações.” (ZANFELICE, 2009).

Isso. Faça isso.

Depois continuamos.



## 4.2 TRANSBORDAMENTO

Luar (A gente precisa ver o luar)

O luar  
Do luar não há mais nada a dizer  
A não ser  
Que a gente precisa ver o luar

(...)

Uma vez que existe só para ser visto  
Se a gente não vê, não há

(...)

O luar  
Do luar só interessa saber  
Onde está  
Que a gente precisa ver o luar

Gilberto Gil

### 4.3 REENCONTRO

O encontro com o outro é sempre também um encontro consigo mesmo. Ao longo desta caminhada, pude ver com mais clareza muitas marcas que trago em meu corpo. Como as marcas de uma modernidade dicotômica onde nada é uno. Marcas, estas, que emergiram já no primeiro encontro, na mobilidade do grupo, no entra e sai de crianças criando um fluxo aparentemente desordenado.

Quem eu era, no meio disso tudo?

Às vezes observadora mais distante, com medo de interferir e modificar algo (como se existisse uma espécie de pureza fora de mim), que logo se perdia cada vez que alguém falava “sora!” e me reinseria no momento presente. Às vezes vizinha, comendo picolé na praia. Às vezes cuidadora preocupada, cada vez que alguém subia no telhado ou no alto da árvore (“Ai meu deus, o que é que eu faço agora...”). Uma confusão de modos de agir, como se existissem muitos papéis de mim mesma, dependendo da ocasião.

Decidi relaxar e deixar os meninos me guiarem. E eles me mostraram que eu simplesmente era a Liv, que é tudo isso e tantas outras. A Liv que habitava aquele momento com eles, que interferia, que ressignificava o momento com eles.

Segundo Pozzana (2013, p.326):

O cartógrafo nasce numa paisagem que habita com um corpo que se articula com os diferentes fragmentos de cena, prolonga-se como extensão de cada segmento dessa paisagem que se constitui com ele.

Me descobri cartógrafa. E enquanto cartógrafa não busco desvelar uma realidade pré-existente, já que também sou criadora de realidades. Portanto o que trago aqui, nestas reflexões, é o que surgiu destes encontros. Cartografo com os meninos. Capturo, através das imagens, dos sons, das conversas, das caminhadas, um pouco do fluxo destes encontros, para construir uma pesquisa com. Reencontro as narrativas dos territórios que atravessamos e que nos atravessaram. Narrativas, estas, que se apresentaram sob diferentes modos.

Na forma de imagens fotográficas, surgem como uma extensão dos olhos e dos corpos do Xandi e do Thalisson, em processos de criação. Ou mais que isso, as imagens fotográficas surgem do encontro das crianças, abertas ao mundo e às possibilidades de experiência, com a própria imagem. É o *it* de Clarice Lispector. Um *it* que transborda emoções, experiências, histórias, transformando a fotografia em narrativa do cotidiano. Um cotidiano visível nas

formas, como o cotidiano rural dos cavalos, ovelhas e cabritos, mas que também se faz urbano eventualmente. Mas mais do que isso, um cotidiano que transborda as formas, onde as imagens (devires) extrapolam os conceitos da própria imagem. Um chuveiro na beira da praia, por exemplo, não é só um chuveiro. É um banho gostoso num dia quente, é a boniteza da água caindo em gotas suaves mas intensas, é a própria água, que já foi tantas outras desde que saiu do Belém, é uma risada depois de uma conversa sobre água...É Ciência e Poesia juntas.

Do encontro dos olhares com as imagens, surgem linhas que nos conectam a tudo! Que nos conectam com as paisagens sonoras que transbordam na própria imagem. Paisagens sonoras inseridas na narrativa que trago aqui, mas presentes no cotidiano daquele território.

No livro *O som e o sentido*, Wisnik (2001, p.33) escreve que

O som do mundo é o ruído, o mundo se apresenta para nós a todo momento através de frequências regulares e caóticas com as quais a música trabalha para extrair-lhes ordenação. (...) Se você tem um barulho percutido qualquer e ele começa a se repetir e a mostrar uma certa periodicidade, abre-se um horizonte de expectativa.

Esta rítmica se apresenta nas sonoridades da vida, nos caminhos que percorremos. Quando nos encontramos com as sonoridades das águas, do canto dos pássaros, dos gritos no pátio da escola, estamos vivenciando contextos sociais determinados histórica e culturalmente. Estamos nos encontrando com estas paisagens sonoras e construindo nossas subjetividades.

Todas estas imagens e sonoridades aparecem também costuradas nas narrativas orais dos meninos, as quais habitam uma memória atemporal, ou cujo tempo é afetivo. Memórias de experiências pessoais, dos lugares onde já moraram, das brincadeiras, dos amigos, das imagens, sons, cheiros, sabores, de todos com quem já se encontraram e de cuja relação surgiu algo novo, devir-criança.

As memórias das vivências aparecem de forma muito intensa, reforçando o papel do território Lami (físico e existencial) para suas construções. Um território onde se aprende. Um aprender não só inconsciente, como sugeriu Cardoso Jr. (2006), mas também reflexivo, na medida em que encontra outros aprenderes, às vezes divergentes, levando ao questionamento e a novas escolhas, novos caminhos.

Mas nas narrativas também surgem memórias de experiências de terceiros ou experiências coletivas, das quais também se aprende. Às vezes de forma mais visível, como

alguns saberes aprendidos na escola e na família. Às vezes de forma mais sutil, mas que eventualmente atravessam as narrativas. Saberes aprendidos de uma memória outra, que permeia a família e a comunidade, mas vai além delas. Memória que vem de longe, que não se sabe da onde veio, mas cuja força a entranhou em nossos corpos, como as marcas da modernidade que já citei anteriormente. Uma memória que vincula o aprender ao estudo e desvincula do erro, colocando este como algo proibido, e que muitas vezes confunde os valores dos saberes, hierarquizando-os. Uma memória que traz verdades.

Mas os meninos me mostraram que, conscientes ou inconscientes, aprendemos a cada encontro cotidiano, e que mesmo o aprender da experiência do outro pode ser uma forma de encontro, de aprender o outro. Que na relação com o outro e com o mundo, nos fazemos humanos. O aprender, este caminho onde muitas coisas acontecem, deixa marcas e nos conecta ao cosmo, construindo os muitos saberes que nos configuram e desconfiguram cotidianamente. E esse aprender, que surge do encontro e da relação com o outro, está fortemente vinculado à emoção, ao afeto, ao desejo, desconfigurando o aprender kantiano da razão e da negação das experiências do corpo, ainda tão emaranhado em nossa memória.

São infinitos os saberes que se fazem no cotidiano, no devir da experiência. E ainda são muitas as possibilidades de refletir sobre a narrativa desta caminhada. Mas, por enquanto, o que busquei trazer aqui foi o encontro do meu olhar com os olhares do Thalisson e do Xandi sobre os territórios existenciais que configuram seus saberes, para que num devir da escrita possamos pensar sobre aprenderes, saberes e educação.

Tudo isto no Lami, este lá-em-mim que me habita e que espero ter sido também habitação sua, caro leitor.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Manoel de. Memória Inventadas: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.

CARDOSO JR, Hélio Rebello. Pensar a Pedagogia com Deleuze e Guattari: amizade na perspectiva do aprender. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 37-52, jan/jun, 2006.

CORSO, Helena Vellinho. Funções cognitivas – convergências entre neurociências e epistemologia genética. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 225-246, set/dez, 2009.

CORTÁZAR, Júlio. Para uma antropologia de bolso: Vê mole tudo o que vê. In: \_\_\_\_\_. A volta ao dia em 80 mundos, Tomo I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

COSTA, Luciano Bedin. Cartografia: uma outra forma de pesquisar (material pedagógico distribuído aos alunos da SETREM, não publicado), 2010.

COSTA, Luciano Bedin. BANDEIRA, Larisa. Cartografias infantis: a cidade pela criança, a fotografia pela infância. Revista Arte SESC, n. 13, p. 54-57, 2013.

\_\_\_\_\_. Cartografias infantis: reinventando a cidade com o olhar das crianças de uma comunidade quilombola urbana. Revista Infância Latinoamericana – Espanha, n.3, p. 58-63, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário Aurélio da língua portuguesa. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRO, Emília. A atualidade de Jean Piaget. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FÜLBER, Grazielle Gonçalves. Cartografando com uma criança surda sua infância e suas experiências educacionais. Porto Alegre, UFRGS, 2012, 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: KOHAN, Walter Omar (Org.). Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LISPECTOR, Clarisse. Água Viva. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MACHADO, Antonio. Poesías Completas. Madrid: Publicaciones de la Residencia de los Estudiantes, serie IV, vol. 7, 1917. Disponível em: <https://archive.org/stream/poesascompletas00machgoog#page/n111/mode/2up>.

MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto. Conversações matrísticas e patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano. 2 ed. São Paulo: Palas Athena, 2009.

NETO, João Cabral de Melo. A educação pela pedra e depois. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 17-31.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v.25, n.2, p. 323-338, mai/ago, 2013.

RECHENBERG, Fernanda Vamo falá do nosso Lami: estudo antropológico sobre memória coletiva, cotidiano e meio ambiente no bairro Lami. Porto Alegre, UFRGS, 2007, 215 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

WISNIK, José Miguel. O som e o sentido, uma outra história das músicas. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

ZANFELICE, Camila. Na velocidade do riso/grito/giro: sonoridades imagéticas. Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, 2009.

## ANEXO

### Modelo de Termo de Consentimento Livre Esclarecido



FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
COMISSÃO DE PESQUISA  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: *Água Viva: os saberes que se fazem na fluidez do cotidiano*

COORDENAÇÃO: Professor Luciano Bedin da Costa

1. **SOBRE A PESQUISA:** Esta pesquisa será desenvolvida por Liv Ludwig Gonçalves, estudante de graduação do curso de Ciências Biológicas da UFRGS, como parte de seu Trabalho de Conclusão de Curso. Tal trabalho tem como finalidade investigar a percepção de cada participante sobre o bairro Lami (sua paisagem, suas relações, etc.) e os saberes/conhecimentos que são construídos no seu dia-a-dia, através das relações com o bairro.
2. **COMO A PESQUISA SERÁ REALIZADA:** Através de encontros com os participantes (a serem combinados conforme disponibilidade e autorização dos responsáveis), onde serão propostas atividades artístico-pedagógicas (desenhos, fotografias, etc.), investigativas (observações do bairro) e conversas.
3. **PARTICIPANTES DA PESQUISA:** Participarão desta pesquisa em torno de cinco jovens, moradores do bairro Lami e estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Genoveva da Costa Bernardes.
4. **ENVOLVIMENTO NA PESQUISA:** Ao participar deste estudo, cada jovem poderá mostrar sua percepção sobre o Lami através de imagens (desenhos e fotografias) e através da fala (conversas). Cada encontro será registrado através de um gravador de áudio, cujo material será utilizado apenas neste trabalho e pela pesquisadora responsável. O equipamento fotográfico será disponibilizado pela pesquisadora. O uso deste equipamento e a escolha das imagens serão feitos pelos jovens participantes da pesquisa.
5. **CONTATOS:** Sempre que você quiser mais informações sobre este estudo, poderá entrar em contato com a Liv, pelos telefones (51) 98194264 ou (51) 82980991, ou no endereço Rua Bisa, 78, Lami, Porto Alegre.

### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, \_\_\_\_\_, de forma livre e esclarecida, autorizo a participação do(a) jovem \_\_\_\_\_, pelo qual sou responsável, na pesquisa *Água Viva: os saberes que se fazem na fluidez do cotidiano*.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do responsável

Nome:

Telefone para contato:

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora

Nome: Liv Ludwig Gonçalves

Telefone para contato: (51) 98194264 / 82980991

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.